



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA  
ATLÂNTICA

ADÉLIO PINTO

**MANEJO SUSTENTÁVEL DA MATÉRIA-PRIMA PARA  
ARTESANATO KAINGANG**

FLORIANÓPOLIS, SC – FEVEREIRO 2020

ADÉLIO PINTO

MANEJO SUSTENTÁVEL DA MATÉRIA-PRIMA PARA  
ARTESANATO KAINGANG

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL  
PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE  
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA  
INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA  
MATA ATLÂNTICA NA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SANTA CATARINA SOB A  
ORIENTAÇÃO DA PROF. NATALIA HANAZAKI

FLORIANÓPOLIS, SC – FEVEREIRO 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pinto, Adélio  
MANEJO SUSTENTÁVEL DA MATÉRIA-PRIMA PARA ARTESANATO  
KAINGANG / Adélio Pinto ; orientador, Natalia Hanazaki,  
2020.  
43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

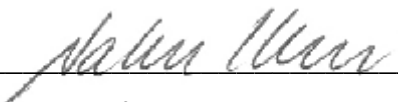
1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. Kaingang. 3. Territorialidade. 4. matéria  
prima. 5. artesanato. I. Hanazaki, Natalia . II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura  
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA  
CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul  
da Mata Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico Adélio Pinto, matrícula n.º 16105912, entregou a versão final de seu TCC cujo título é MANEJO SUSTENTÁVEL DA MATÉRIA-PRIMA PARA ARTESANATO KAINGANG, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

  
Orientadora Profa. Dra. Natalia Hanazaki



### ATA DE DEFESA DE TCC

Aos doze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10H30 horas, na Sala Sala 322 do CFH do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo(a) professor(a) Orientador(a) Natalia Hanazaki e Presidente, Professor(a) Nivaldo Peroni, Membro da Banca, e Professor(a) Joziléia Daniza Jagso Inácio Jocosden Schild, Membro da Banca, designados pela Portaria nº 30 2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do(a) acadêmico(a) Adélio Pinto subordinado ao título: “Manejo sustentável da matéria-prima para artesanato kaingang”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o(a) mesmo(a) foi arguido(a) pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o(a) candidato(a) recebido do(a) Professor(a) Nivaldo Peroni a nota final 10, do(a) Professor(a) Joziléia Daniza Jagso Inácio Jocosden Schild, a nota final 10, e do(a) Professor(a) Natalia Hanazaki, a nota final 10; sendo aprovado(a) com a nota final 10. O(A) acadêmico(a) deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo(a) Candidato(a).

Florianópolis, doze de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Natalia Hanazaki

Prof. Nivaldo Peroni

Prof. Joziléia Daniza Jagso Inácio Jocosden Schild

Candidato Adélio Pinto

## Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer ao meu Deus por ter me concedido essa oportunidade e privilégio de passar no vestibular e poder participar do curso, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na UFSC, e por ter me dado sabedoria, coragem e saúde para que eu concluísse esse trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram nesse trabalho, em especial a minha família pela compreensão e incentivo para que esse sonho se realizasse, em muitos momentos presentes e em outros ausentes, mas foram superados com compreensão. Obrigado por tudo.

Agradeço as pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho, em especial aos meus entrevistados que se disponibilizaram em contribuir através de seus conhecimentos tradicionais: a Dona Maria da Silva artesã, Sr Aldo Pinto cacique da terra indígena Passo do Índio, Dona Marli Crespo artesã e ao kófa da TI Sr Antônio Pinto.

Agradeço também a SEDUC – RS (secretaria da educação e cultura) pelo acordo de cooperação com a UFSC e assim, liberando-me e autorizando meu ingresso nesse curso. Também agradeço a minha escola, à diretora Dilza Santos Machado e aos colegas professores: Jobe, Aldo e Simone por atender a minha turma em sala de aula enquanto cursava essa faculdade, agradeço também a minha CRE (coordenadoria regional de educação) pela compreensão de eu buscar a minha formação na UFSC.

Também agradeço à coordenação do curso licenciatura intercultural indígena do Sul da Mata Atlântica pelo apoio e incentivo, aos professores Kaingang Jozileia, Josué e Marcia que de uma forma e outra me orientaram e me auxiliaram em especial, minha orientadora professora Natalia Hanazaki.

Este trabalho demonstra que consegui encerrar uma etapa importante da minha vida acadêmica, profissional e pessoal, momentos bons e difíceis passei durante esse período, mas tudo valeu a pena.

Cursei esse curso ao lado de pessoas incríveis, com as quais eu pude construir um vínculo de amizade, enfim, levarei comigo toda essa experiência na minha bagagem acadêmica.

## *Tu vême sĩ*

*Věnhrá tag tỹ nén tu han kỹ nĩ tỹ ta, Kanhgág si ag tỹ nén ũ han fã kã ũ tu vême rá nĩ.  
Věnh rá tag tỹ, vãfy ta Kanhgág ag mỹ nén ũ ki há ěn tu vămén kỹ nĩ, ag tỹ fan kar to jěn  
ge tavĩn pijé, hãra vãfy tỹ Kanhgág ag mỹ nén ũ e kihá nỹtĩ kỹ ti kar tỹ tag kinhrã ge nỹtĩ.  
Věnhrá tag ki tỹ, hãrenkỹ vãfy han ge tu vămén kanĩ, kar ěg tỹ ne ta vãfy hyn han fã, ěg  
tỹ hãrekã kar hãrenka, tỹ vãfy hyn han fã tag génh mũj fã tu tỹ vămén kỹ nĩ gé.*

*Věnhvĩ tu vămén ge: Kanhgág ag, ěmã, vãfy, ta vãfy hyn han fã*

## Resumo

A finalidade do presente trabalho é relatar um dos principais usos e costumes tradicionais do meu povo, que são as formas corretas de coletar a matéria-prima para artesanato Kaingang. Conscientizar através deste trabalho sobre a importância do artesanato, lembrando que, nem sempre o artesanato é confeccionado apenas para a auto sustentabilidade, mas, há um grande processo em torno do artesanato, são conteúdos importantes que envolve essa prática e, que todos precisam conhecer. O intuito é explicar como são confeccionados esses artesanatos, inclusive quanto à coleta da matéria-prima, quando e como devem ser coletadas essas matérias-primas.

Palavra-chave: povo Kaingang, territorialidade, matéria-prima, artesanato



## Lista de figuras

Figura 1 - Terras Indígenas Kaingang. Fonte: Memória e Identidade do Povo Kaingang (2020).

Figura 2 - Terra Indígena Passo do Índio. Fonte. Acervo próprio

Figura 3 - Localização da área de estudo. Circulado em vermelho está a aldeia Passo do Índio. Fonte: modificado de Wikipédia e GoogleEarth.

Figura 4 – Antônio Pinto. Foto do autor.

Figura 5 – Maria da Silva. Foto do autor.

Figura 6 – Marli Crespo. Foto do autor.

Figura 7 – Aldo Pinto. Foto: do autor.

Figura 8 – Lavoura de soja no entorno da aldeia. Foto do autor

Figura 9 – Coleta de taquaruçu. Foto do autor.

Figura 10 – Coleta de cipó guaimbê. Foto do autor

Figura 11 – Preparação da matéria prima. Foto do autor.

Figura 12 – Processo de confecção das cestarias. Foto do autor.

Figura 13 – confecção de cestarias na escola. Foto do autor.

Figura 14 – coleta da matéria-prima com os alunos. Foto do autor.

Figura 15 – Aprendendo os grafismos e os significados na escola. Foto do autor.

## Sumário

Agradecimentos.....	5
<i>Tu vême sĩ</i> .....	6
Resumo.....	7
Apresentação .....	10
Introdução.....	11
Objetivo geral.....	12
Objetivo específico.....	12
Justificativa.....	12
Metodologia .....	13
Capítulo 1 – Povo Kaingang .....	14
1.1. Local da pesquisa: Aldeia Passo do Índio .....	15
1.2. Início do processo de reivindicação da Terra Indígena Passo do Índio.....	17
Capítulo 2 -Resultados e discussão: depoimentos .....	18
2.1. Depoimento de Antônio Pinto, kófa da aldeia.....	18
2.2. Kófa Antônio Pinto vămén ja, êg vĩ ki .....	19
2.3. Depoimento da dona Maria da Silva .....	19
2.4. Dona Maria fi vămén ja, êg vĩ ki .....	21
2.5. Depoimento de dona Marli Crespo.....	22
2.6. Depoimento do Sr. Aldo Pinto – cacique da aldeia indígena Passo do Índio.....	23
2.7. Cercados por agrotóxicos .....	25
3.1. Vãgvãsa (Taquaraçu).....	30
3.2. Vÿnkanér (taquara bambu) .....	31
3.3. Vênpê (taquara mansa).....	32
3.4. Kómrûn (cipó guaimbê) .....	32
3.5. Cipó São João e Cipó Marrom .....	33
3.6. Processo de preparação da matéria-prima .....	34
Considerações finais.....	37
Referências bibliográficas.....	42

## Apresentação

Sou Adélio Pinto, pertencço ao povo Kaingang sou falante da minha língua materna (Kaingang). Pertencço à metade clã *kanhrukrẽ rá ror* (marca redonda) e sou professor bilíngue. Sou natural da terra indígena Iraí, município de Iraí, Rio Grande do Sul, atualmente moro na aldeia Passo do Índio, município de Lajeado do Bugre – RS.

Sou evangélico de denominação Assembleia de Deus, mas ainda pratico os costumes e as práticas tradicionais do meu povo. A religião que eu frequento, que é evangélica, foi uma escolha minha e de minha família, porém, isso não me impede de praticar os costumes tradicionais de meu povo. Preservo muito a minha marca tribal conheço bem quem é meu *régre* e quem é meu *jamré*.

Minha vida escolar começou quando meus pais me matricularam em uma escola municipal de nome Padre Jose Borghetti, na cidade de Iraí – RS no ano de 1994, de onde tenho ótimas lembranças, principalmente da época de minha alfabetização. Esta escola estava dentro da terra demarcada, no entanto era uma escola de não indígenas, porém depois da demarcação da terra, todas as crianças indígenas foram matriculadas naquela escola. O nome das minhas primeiras professoras nessa escola é Maria Soeli Gonsalves e Maryjara Mazzocato Dazzi, a professora Maria Soeli Gonsalves hoje é diretora da escola estadual indígena *nãnga* da área indígena de Iraí – RS, e a professora Maryjara Mazzocato Dazzi hoje ela é coordenadora técnica da FUNAI, da mesma aldeia.

Já morei na aldeia Rio dos Índios, no município de Vicente Dutra – RS, de 2001 a 2005. Porém, nesse mesmo ano ouviam-se fortes boatos e indícios da facilidade de demarcação da terra no município de Lajeado do Bugre – RS, e em agosto do mesmo ano a família resolveu ir rumo a esse lugar, e eu tive que acompanhar a família; no entanto, atualmente morro na minha aldeia atual, Passo do Índio.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo pesquisar o manejo sustentável da matéria-prima para artesanato Kaingang que era praticado no passado e que ainda é praticado atualmente.

A manutenção da cultura material e imaterial Kaingang, como artesanato e coleta de matéria-prima, dependem das formas do manejo, ou seja, do tempo e das formas adequadas de retirada da matéria prima. O equilíbrio do ecossistema Kaingang resulta de saberes transmitidos pelos ancestrais ao longo das gerações. A cultura material é também uma das formas de gerar renda e manter a memória do nosso povo. Entretanto, vários fatores dificultam na preservação desses valores: a redução do território, o desmatamento contribui para a escassez da matéria prima, o que resulta no desequilíbrio entre a prática e a transmissão dos saberes, necessárias para manutenção da cultura indígena. A coleta da matéria-prima, o manejo sustentável e a identificação do período de coleta, este todo é necessário para preservação desta tradição.

“Para a elaboração dos artesanatos são coletados vários tipos de matérias-primas como taquara mansa, taquaruçú e cipó guaimbê, todas estas matérias-primas são coletados na mata, um dos artesanatos mais confeccionados por esse povo é o balaio, por ser uma região onde predomina a taquara mansa e o taquaruçú, todos os artesanatos tem diversas finalidades utilitárias e étnicas artísticas, todos vinculados à cultura tradicional, também são visto como uma identidade pessoal comparada como um selo que diferencia uma cultura da outra.”  
(OLIVEIRA & FERNANDES, 2015).

A arte de elaborar um artesanato sempre foi muito importante para o povo Kaingang. Confeccionar cestarias, além de ser um dos costumes tradicionais do povo, é também uma forma de preservar a cultura material e imaterial. Os trançados em um artesanato tem um todo significado, pois o artesanato não é confeccionado apenas para a auto sustentabilidade, mas por trás do contexto todo, há uma diversidade que todos precisam conhecer, na qual estão inseridos grandes valores em uma única prática, contribuindo assim para a preservação da identidade Kaingang.

“O artesanato é uma atividade de caráter familiar em todas as etapas da produção, desde a coleta da matéria-prima até o acabamento final e a comercialização, assim como antigamente eram ensinadas as crianças as diferentes formas de sobrevivência na floresta e matas que viviam, agora elas acompanham as famílias na coleta de matéria-prima na produção e na comercialização” (ROCHA, 2016)

### Objetivo geral

Busquei formas de discutir sobre o equilíbrio do ecossistema no território Kaingang, a partir da coleta e manejo sustentável de matéria-prima, estimulando a transmissão de práticas e saberes Kaingang para as gerações futuras, visando a preservação de sua própria identidade.

### Objetivo específico

Analisei os fatores que contribuem no intuito de explicar como são elaborados esses artesanatos, inclusive a coleta de matéria-prima, como são feitas estas coletas e quando os materiais devem ser coletados.

### Justificativa

Este povo está tendo dificuldade em manter esta tradição por falta de matéria-prima; as matérias-primas existentes na aldeia não estão sendo suficientes na elaboração desses artesanatos, e que isso tem levantado uma grande preocupação entre os Kaingang dessa aldeia, até porque, é uma comunidade pequena e para coletar essas matérias-primas, o artesão precisa ir longe da aldeia, e isso tem dificultado na preservação dessas práticas principais desse povo.

## Metodologia

A coleta de dados foi realizada na aldeia Passo do Índio. Foram selecionados os artesãos: Maria da Silva, minha mãe, Aldo Pinto, meu pai e Marli Crespo, para a realização das observações e as entrevistas. Também foi entrevistado o *kófa* da aldeia, Antônio Pinto. Além das observações e entrevistas, também foi incluso nos dados coletados alguns relatos da minha experiência pessoal.

O local da pesquisa está localizado no município de Lageado do Bugre, no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. O tema escolhido para minha pesquisa surgiu da minha experiência própria, pois desde cedo eu já participava da prática da ajuda mútua, uma reciprocidade generosa em favor do coletivo.

A minha família sempre trabalhou unida nas confecções dos artesanatos, desde criança eu já acompanhava os meus pais e avós na lida do dia-a-dia. Foi nessa convivência que aprendi costumes, valores, habilidades e relações que construí, tanto dentro como fora da aldeia.

E tomando-me pela curiosidade nesse assunto, decidi investigar para compreender melhor as formas adequadas de coletar as matérias-primas e também a forma e os significados do artesanato.

A pesquisa foi realizada em duas etapas: as primeiras entrevistas foram sobre artesanato, grafismos e seus significados. Na segunda etapa da pesquisa, as entrevistas foram sobre o manejo sustentável da matéria-prima, as formas corretas de coletar matéria-prima, quando e como coletar. As entrevistas foram feitas sem seguir um padrão formal, pois foram baseadas em conversas com os artesãos e na minha experiência com o artesanato. As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2019.

Durante toda a pesquisa, acompanhei os artesãos nas coletas de matérias-primas, na preparação dos materiais e na confecção dos artesanatos. Também coletei amostras de plantas para a identificação botânica, realizada na UFSC.

No intuito de coletar mais dados para esse trabalho, utilizei outros artigos e TCCs, e foram utilizados dados primários e dados secundários, entrevistas e fotografias.

## Capítulo 1 – Povo Kaingang

“Os Kaingang estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê. Junto com os Xokleng, integram o ramo Jê Meridionais. Sua cultura desenvolveu-se à sombra dos pinheirais, ocupando a região sudeste/sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos sua extensão territorial compreende a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). No século XIX seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província argentina de Misiones” (PORTAL KAINGANG, 2020).

Este povo pertence a etnia Kaingang; nosso povo está distribuído em 32 terras indígenas Kaingang, nos três estados da região Sul do Brasil e no estado de São Paulo (Figura 1). Todos nós somos pertencentes ao tronco linguístico macro-jê.

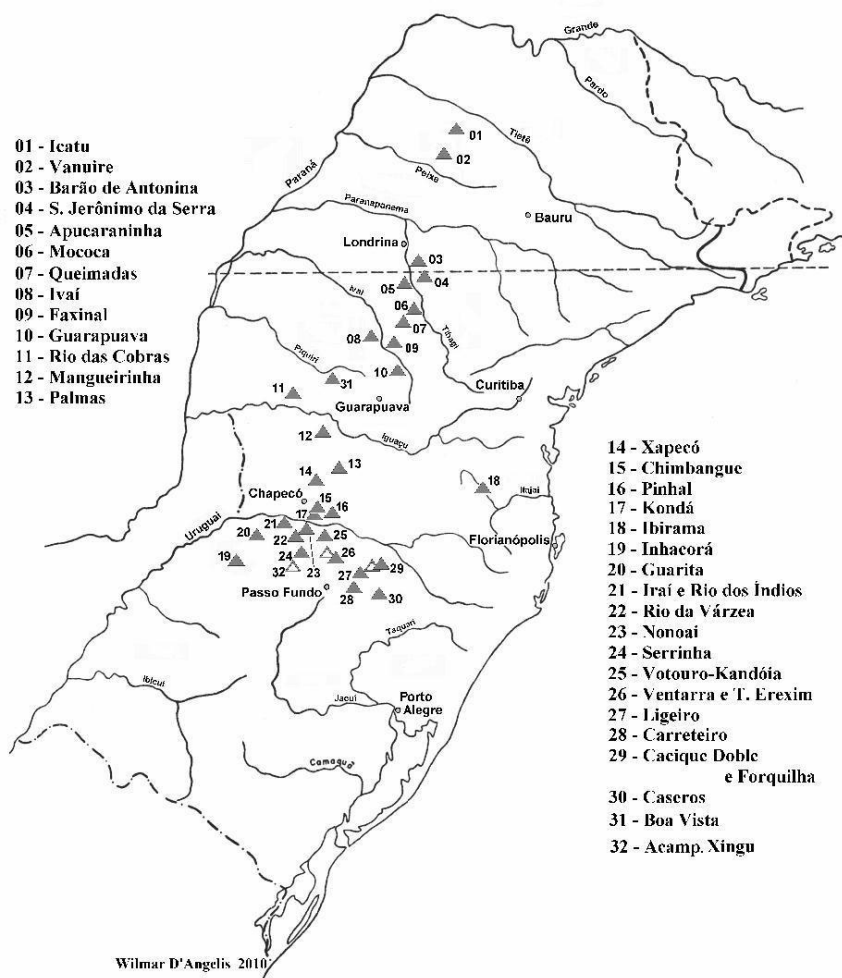


Figura 1. Terras Indígenas Kaingang. Fonte: Memória e Identidade do Povo Kaingang (2020).

## 1.1. Local da pesquisa: Aldeia Passo do Índio<sup>1</sup>

No dia 07 de agosto de 2005, chegamos ao município de Lajeado do Bugre – RS com oito famílias. Viemos então a se estabelecer em um pequeno terreno cedido pela prefeitura. Ainda neste mesmo lugar foi formado o primeiro quadro de lideranças. O primeiro cacique da Aldeia Passo do Índio foi Tiago da Silva e atualmente o cacique é Aldo Pinto. Passado um ano, recebemos um aviso para desocupar o local, mas, como o povo Kaingang nunca deixa do lugar onde foram enterrados os umbigos das crianças, com o meu povo não foi diferente (Figura 2).

Então reunimos o nosso povo para tratarmos uma outra forma, para podermos permanecer neste lugar. Veio então à ideia que todos concordaram em comprar um terreno em conjunto. Fizemos um contrato de compra e venda com o proprietário de um terreno de 1,8 hectares, no princípio fomos bastante criticados por lideranças de outras terras indígenas pela nossa atitude, pois segundo eles, nós estaríamos comprando nossa própria terra, mas, a compra do terreno foi uma estratégia das lideranças da aldeia, para que o nosso povo não sofresse uma ação de reintegração de posse.

A minha aldeia de nome Passo do Índio pertence ao município de Lajeado do Bugre – RS, na região norte do estado, a extensão da aldeia é aproximadamente 1,8 hectares, na aldeia moram vinte e duas famílias aproximadamente cem pessoas (Figura 3). O quadro de lideranças indígenas da aldeia é composto por dez pessoas, cacique, capitão, sargento, cabo e seis policias. A comunidade continua sobrevivendo de artesanatos, pequenas hortas e criação de pequenos animais.

---

<sup>1</sup> Partes do texto deste item foram publicadas em Pinto (2016), disponível em <http://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2017/08/Kaingang.1.pdf>





Figura 2. Terra Indígena Passo do Índio. Fonte. Acervo próprio.



Figura 3. Localização da área de estudo. Circulado em vermelho está a aldeia Passo do Índio. Fonte: modificado de Wikipédia e GoogleEarth.

## 1.2. Início do processo de reivindicação da Terra Indígena Passo do Índio

Nos dias 13 a 27 do mês de setembro de 2010 foram feitos os trabalhos de campo pelo grupo técnico (GT) contratado pela FUNAI para embasar a demarcação da Terra Indígena, sendo que a portaria saiu alguns dias antes. Agora a comunidade está aguardando a FUNAI constituir outro GT para a identificação e delimitação da Terra Indígena, e realizar os estudos necessários para que o relatório circunstanciado seja concluído, lembrando que a área da aldeia de 1,8 ha corresponde à área que foi comprada pelas famílias.

Na minha aldeia, todos são livres para frequentar qualquer denominação evangélica, mas, sem deixar de praticar seus costumes tradicionais. A infraestrutura física da aldeia é composta por: unidade de saúde, escola, igreja evangélica, pavilhão da igreja, pavilhão comunitário e um aviário para a produção de frango de corte, para o autoconsumo da comunidade. Atualmente o cacique da aldeia é o meu pai Aldo Pinto, é também um dos professores bilíngues na escola estadual indígena ensino fundamental Antônio Rusi.

“Efetivamente, ainda hoje o povo Kaingang, além de um registro mitológico comum, compartilham crenças e práticas acerca de suas experiências rituais – o profundo respeito aos mortos e o apego às terras onde estão enterrados seus umbigos são expressões incontestáveis do valor estruturante da cosmologia para o povo Kaingang. Poucos são os estudos que se dedicam exclusivamente à análise dos mitos Kaingang. Há, no entanto, referências recorrentes aos mitos coletados por Borba (1882) e Nimuendajú (1913). O primeiro registro da mitologia Kaingang foi publicado por Telêmaco Borba, que publicou, em 1882, o mito de origem do povo Kaingang e o mito da origem do milho. Nimuendajú (1913) foi o primeiro a afirmar que os Kaingang estão articulados através do reconhecimento de um sistema de metades, a divisão em metades kamê e kajru.” (ISA 2020)

## Capítulo 2 -Resultados e discussão: depoimentos

### 2.1. Depoimento de Antônio Pinto, kófa da aldeia

Cada cultura indígena teve sua própria forma de pensar e de aprender, mas todas elas têm em comum o modo de viver. Segundo meu avô Antônio Rusi Pinto (Figura 3), de oitenta e oito anos de idade natural de T.I Guarita, morador da Aldeia Passo do Índio, os Kaingang se mudavam todos os anos de um lugar para outro, dentro de seu território. Geralmente os deslocamentos se davam mediante a disponibilização dos recursos naturais como, por exemplo: a caça, pesca, mel e matéria prima para elaboração dos artesanatos, porém, “com a colonização e a chegada dos não indígenas, o território por nós utilizado foi reduzido e com o desmatamento os *fóg* transformaram as matas em áreas de lavouras”.

Uma das estratégias de sobrevivência do povo Kaingang foi a adaptação e a adequação ao avanço da sociedade brasileira sobre o território indígena, portanto, aprender a falar a língua portuguesa para o povo Kaingang além de ser uma estratégia foi uma forma de se comunicar com o não indígena. Ele disse também que quando ele tinha oito anos de idade a língua portuguesa era falada por poucos indígenas, apenas as lideranças se comunicavam com os *fóg*, pois eram só eles que tratavam os assuntos da aldeia, ele disse também que nessa época já havia escola dentro da área indígena que ele morava, mas, “estudar para as crianças de nossa aldeia na época não era uma obrigação como nos dias atuais” conclui.



Figura 3 – Antônio Pinto. Foto do autor.

## 2.2. Kófa Antônio Pinto vămén ja, ěg vī ki

*“Inh sī jāg nī kā inh m̃nh fag t̃y iju āmā ũ mī m̃u ta h̃nrike han t̃i pr̃yg pir k̃aki, h̃ara āg ga taṽin k̃amī, fag m̃ij f̃ā t̃y, fag t̃y ñén ũ vej há ān mī ke ja f̃ā ñignī, m̃yg, f̃ág, kr̃ekufár vej há ān mī, kar t̃y ṽāfy h̃ynhan ge vej há ān mī, ṽāgṽāsa, ṽānkanér, ṽānp̃ē kar kóm̃rūr ke gé. H̃ara fóg ag t̃y āg p̃éñin ṽānhgrun kar ñén ũ tag nī t̃üg m̃u ser, k̃y inh m̃nh fag nī ser, fag t̃y fag kr̃ā jāỹn j̃é fóg vī tó kinhr̃äg sór m̃u ser, m̃yr ṽāsa Kanhgág kar pi fóg vī tó t̃i, p̃ā'i ag taṽin ta fóg ag mr̃é ñén ũ tu vămén t̃i, k̃y ag taṽin ta fóg vī tó há ñỹt̃ignī. K̃y inh m̃nh fag nī ser fag ta, fag kr̃ā m̃y ñén ũ veje fóg vī tó kinhr̃äg sór m̃u ser”.*

## 2.3. Depoimento da dona Maria da Silva

Para realizar minha pesquisa, conversei com a minha mãe Maria da Silva Pinto, de 54 anos de idade (Figura 4), a conversa foi sobre a confecção de artesanatos e os seus significados. Perguntei como era essa prática antigamente, ela respondeu que a prática de confeccionar sempre existiu, pois, cada artesanato tinha sua utilidade, cestos menores eram usados para coleta de frutas, já os cestos maiores tinham outras utilidades, os cestos

maiores eram usados na coleta de mel, pinhão e também para armazenar os seus alimentos, ou seja, servia como um depósito de alimentos. Hoje nossos artesanatos são confeccionados mais para serem comercializados, disse ela.

Perguntei a ela sobre os significados de confeccionar cestarias, e ela me respondeu que, antigamente os artesanatos eram confeccionados conforme a metade clânica de cada artesão, não sendo uma ordem ou regra, mas, para manifestar e identificar as marcas de cada um, o *kamẽ* confeccionava com grafismos compridos, enquanto o *kanhrukrẽ* confeccionava com trançados redondos. Também perguntei como ela aprendeu a confeccionar cestarias, se os pais dela a obrigavam a aprender, aí ela respondeu que aprendeu olhando sua mãe realizar essas práticas.

*“Inh sĩ kã, inh mÿnh fi tÿ kusãki inh mÿ sukrÿg jógo tÿ ã nÿgé mÿ tÿgtÿn tÿg getÿ, kã inh pi ne tu ke ãn kinhra jãgnÿ, hãra inh ne inh mog kar kinhrãg mÿ ser, hãra tÿ ta ãg vãfy há jéke janÿgnÿ”.*

“Eu só me lembro que todo dia cedo minha mãe pedia para tirar teias de arranhas e passar nas minhas mãos, na época eu não entendia o porquê. Mais tarde eu perguntei para minha mãe, e ela respondeu que isso fazia parte dos costumes deles, não que isso seja um ritual, mas sim um costume que segundo ela, era para ter destreza nas mãos e facilidade para confeccionar uma cesta bonita” disse ela.

Dona Maria também acrescenta dizendo, “confeccionar um artesanato tira todos os pensamentos ruins, quando estamos nervosos, tristes ou irados, e começamos a fazer os nossos trançados esquecemos de todos os problemas”. Ela disse também: “hoje você tem dor de cabeça de tanto escrever nessa coisa aí” (ela se referia ao meu notebook) “experimente fazer um artesanato, você nunca mais vai ter dor de cabeça, e ficar se estressando, é por isso que nós velhos vivemos bastante, e hoje em dia a geração nova não chegam aos 50 anos, com 30 anos já estão morrendo”.

*“Uri ãta krÿ kaga nÿ ha ãta nén ãn ki vÿnhrán tavÿn tugrÿn, ha vãfy kÿmÿ, pi ã krÿ kaga tÿj, ãg jÿkre kórég ra vãfy kÿta ãg jÿkre tÿ há ke tÿ”.*

Nessa conversa com a dona Maria, percebi que a confecção de um artesanato também proporciona ao artesão uma prática terapêutica.





Figura 4 – Maria da Silva. Foto do autor.

## 2.4. Dona Maria fi vāmén ja, ěg vī ki

*“Kanhgág vāgyf kamā vepā vỹ, vāsa tỹ ge ja tĩ ser, vāfy ta jagnā kǎfór nĩ nĩ ke nỹgnĩ, vỹfy kāsir tỹ ta ki nān kāmĩ kakanā jākruj jé ke nỹtĩ, javo vāfy mág tỹ ta ki mỹg kar fág jākruj jé ke nỹtĩg nĩ, kar ki nén ũ vin han jé gé, kar vāsa vāfy tỹ āg rá ri ke ki hynhan kanỹ tĩg tĩ vỹ, kanhrukrē fag tỹ vāfy rá ronror hynhan tĩ, javo ser kamē fag tỹ vāfy rá tigtėj hynhan tĩ gé. Hāra uri vāfy tỹ ta āg ta fan kar tu nén ũ mǎn jé ke nỹtĩg nĩ ha, hāka āg ta uri vé rá sīnvĩ hynhan ge mũ. Inh vāfy kinhrāg ja tỹ ta isa inh mỹnh fi vāfy ve ka kinhrāg ja nĩ, inh sĩ jǎg nĩ kǎ fi ta inh mỹ kusāki, sukrĩg jógo tỹ ā nĩgé mĩ tĩgtĩn tĩg ke tĩ, kỹ ā ta vāfy há nỹ ke tĩ. Vāfy fy tỹ āg jykre kórég ta tũ ke tĩ, āg ta vāfy fyg nĩn kỹ pi āg krĩ kaga tĩgnĩ, hāka vāsa ke tỹ sinsin kǎtavĩn ke mũ, javo uri ta ser tagĩr ra kagyga nỹti, pi sinsin mũ ser”.*

## 2.5. Depoimento de dona Marli Crespo

A dona Marli Crespo, de 77 anos (Figura 5) também é uma artesã na aldeia Passo do Índio, ela é falante da língua nativa (Kaingang), portanto a conversa com a artesã foi totalmente informal e realizada durante sua atividade.



Figura 5 – Marli Crespo. Foto do autor.

Durante toda minha pesquisa, percebi que a dona Marli Crespo utilizou na maior parte de suas atividades de confecções apenas a taquara mansa, que também faz parte das matérias-primas utilizadas pelo povo Kaingang.

Perguntei a ela por qual motivo ela utilizava na maior parte de seu trabalho apenas a taquara mansa, ela respondeu que, antes de confeccionar suas cestarias, primeiramente preparava todos os materiais que seriam usados para tecer as cestas e, após destalar todas as taquaras, iniciaria a confecção dos balaio. Também perguntei a ela se ela iria utilizar outros tipos de taquaras após a utilização da taquara mansa, e ela disse que utiliza o bambu

apenas para elaborar peneiras e também para o arco da peneira. Sobre a taquaruçu ela disse que raramente utiliza, por duas razões, segundo ela em primeiro lugar os locais de coleta do taquaruçu são distantes da aldeia e, em segundo, atualmente ela está tendo dificuldades para coletar esse tipo de taquara, pois a coleta do taquaruçu requer do artesão força física para puxar a taquara depois de cortada, além disso o taquaruçu apresenta bastantes espinhos.

Marli Crespo *fi jyjy tỹ Kanhgág hãvỹ Nuvirja ke mũ. Fi mỹ isỹ ãtỹ hẽre nỹ vẽnpẽ tavĩn kygyfỹ kamã nĩ kemũ ké, kỹ fi tỹ ser inh mỹ tómũ né tu ke ên ti, hãra tỹ ta ti kuvar tu grĩn ke jafã tĩgnĩ. Kar fi ne inh pi vãgvãsa nỹgnỹn há jãgnĩ ha kemũ gé, mỹr ta sónh kamã nỹgnĩ vỹn tagti ke fi ne mũ gé.*

*Hãka isỹ vãgvãsa fi mãn vỹnh nĩ ha ke fi nĩ mũ,*

## 2.6. Depoimento do Sr. Aldo Pinto – cacique da aldeia indígena Passo do Índio

Aldo Pinto 50 anos (Figura 6) é uma liderança indígena Kaingang, que está à frente da retomada do território de Passo do Índio, no município de Lajeado do Bugre, com sua companheira de vida e de luta, minha mãe Maria da Silva. Sendo o atual cacique deste acampamento, nasceu no dia 02 de janeiro de 1970, na terra indígena de Guarita, que é a maior Terra Indígena do estado do Rio Grande do Sul. O meu pai teve seis filhos com a minha mãe, eu o filho mais velho do casal, porém, com a precariedade da época eles perderam três dos seis filhos, hoje somos em três irmãos filhos do casal.

Desde cedo ele iniciou sua caminhada na luta, na década de 1980 em Irai, ele já acompanhava e ajudava as lideranças em todo o processo demarcatório, iniciando a retomada daquela terra.





Figura 6 – Aldo Pinto. Foto: do autor.

Em 1992, o povo Kaingang com muita luta e dificuldade teve a grande vitória, a demarcação da terra indígena de Iraí, no município de Iraí – RS.

No fim da década de 1996 o povo Kaingang de Iraí se reuniu para escolherem novas lideranças que iriam atuar a partir daquele dia, para atuar como cacique e vice cacique a comunidade escolheram. Foram escolhidos Roberto dos Santos para cacique e meu pai Aldo Pinto para vice cacique, nesse encargo de vice cacique ele ficou até o ano de 2000.

Após, o ano de 2000, a família teve de se mudar para a TI de Rio dos Índios no município de Vicente Dutra – RS, e no ano de 2004, a comunidade da aldeia Rio dos Índios se reuniu para troca de lideranças dessa aldeia, nessa reunião meu pai foi escolhido e empossado cacique da aldeia indígena Rio dos Índios, porém, após dois anos teve de se afastar de seu cacicado, em seguida a família outra vez teve de se mudar para esse lugar que estamos morando atualmente.

O Sr Aldo Pinto além de atuar como cacique, também trabalha como professor na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Antônio Rusi, mas, apesar dessas funções ele ainda se considera um artesão.

Segundo ele, desde criança observava seus pais fabricarem suas cestarias, mas ele não participava nas confecções. Com o passar do tempo interessou-se e começou a participar dessa prática: “hoje eu não consigo ficar sem fazer meus artesanatos” disse ele, portanto, a escassez da matéria-prima na aldeia lhe preocupa muito também.

Perguntei a ele qual era o objetivo dele enquanto liderança da aldeia, sobre a manutenção e a preservação desse costume tradicional de seu povo. Então ele me respondeu, “eu como liderança e artesão, eu acho que nós Kaingang nunca vamos parar de fazer nossos artesanatos, é o nosso costume não é só pelo dinheiro, mas é porque gostamos”.

E o objetivo dele enquanto líder é primeiramente lutar para garantir espaço suficiente para seu povo e, quando a retomada da terra for concluída e for considerada terra tradicional Kaingang, seu plano é reflorestar as margens dos rios que atravessam o território e preservar as matas existentes dentro do território.

Para o reflorestamento ele pretende buscar parcerias e elaborar projetos sobre mudas de plantas frutíferas nativas. Segundo ele a ideia é conseguir benefícios ambientais junto a ONGs voltadas para o meio ambiente e, nessa oportunidade, ele pretende plantar todos os tipos de matérias-primas que são utilizados nas confecções dos artesanatos: “talvez essas matérias-primas podem até demorar para ser coletadas, mas terá material suficiente para a futura geração, e assim garantiremos a preservação dos nossos conhecimentos”, conclui ele.

## 2.7. Cercados por agrotóxicos

“Um dos impactos ambientais, é sem dúvida um desequilíbrio provocado pela ação dos seres humanos sobre o meio ambiente, esse “choque” tem provocado destruição da vegetação e também de animais, nesse impacto geralmente a vegetação é o primeiro elemento da natureza a ser atingida. Atualmente todas as formações vegetais, em maior ou menor grau, encontra-se modificadas pela ação do ser humano, isso ocorreu principalmente por causa da urbanização, industrialização e a agricultura, em muitos casos sobram apenas

algumas manchas em que a vegetação original é encontrada, nos quais, embora com pequenas alterações, ainda preserva suas características principais.” (FARIA, 2020)

No território do meu povo não foi diferente, atualmente a aldeia Passo do Índio está reivindicando um espaço de aproximadamente 3.750 hectares de terra, no entanto, a aldeia está cercada pelo latifúndio e convivendo com os usos abusivos de agrotóxicos pelos *fóg* (não indígena) (Figura 7), o pequeno espaço em que vivemos cerca de 1,8 hectares de terra, simboliza a resistência originaria de inúmeros povos espalhados por todo Brasil.

Como citado anteriormente, a mata está degradada por diversos fatores, porém, quero citar algumas plantas que ainda são encontradas no território do meu povo: *kófé* (aroeira), *kěgtánh* (rabo-de-bugio), *jógvĩ* (cincho), *jymi* (pitangueira), *kěgtysa* (timbó), *pétór* (fumeiro), *sókrĩnhkre* (camboatã), *kokaj* (pau-de-cutia), *kětěñ* (canela brava), *vāgvāsa* (taquaruçu), *kómrũr* (cipó Guaimbê), *vāñkanér* (taquara bambu), *věñ pẽ* (taquara mansa). Algumas dessas plantas são usadas como chá no tratamento de algumas doenças, outras usadas nas confecções de artesanatos, entretanto, a preparação e a formula da planta medicinal nunca é revelada a qualquer pessoa da aldeia, ao contrário das confecções de artesanatos.



Figura 7 – Lavoura de soja no entorno da aldeia. Foto do autor

### **Capítulo 3 – Resultados e discussão: Matérias-primas**

Como citado anteriormente a aldeia Passo do Índio está em processo de retomada, portanto, os artesãos precisam ir longe de sua aldeia para coletarem os materiais necessários para confeccionarem suas cestarias, ou seja, todas as matérias-primas são coletadas fora da aldeia (Figuras 8 e 9), em terras de proprietários não-indígenas. Porém, esses locais de coleta estão localizados em áreas que correspondem ao território reivindicado. Enquanto o território ainda não é considerado legalmente como terra tradicional Kaingang, os artesãos pedem a autorização dos proprietários desses locais onde ainda são existentes as matas, para que a coleta possa ser realizada e, normalmente, os proprietários destes locais pedem aos artesãos um cesto em troca de sua autorização. Lembrando que, os proprietários destes locais de coletas, não são indígenas. A importância da demarcação da terra indígena Passo do Índio com a inclusão dessas áreas de coleta de matérias-primas, possibilitará a sustentabilidade do manejo das plantas para artesanato, já que esses locais de coleta já estarão adequados ao manejo tradicional Kaingang. As distâncias percorridas para coletar as matérias-primas, em alguns locais podem chegar até 20km de distância.





Figura 8 – Coleta de taquaruçu. Foto do autor.



Figura 9 – Coleta de cipó Guaimbê. Foto do autor

Normalmente os artesãos contratam frete para trazerem os materiais em grande quantidade para suas casas, pois os locais da coleta de matéria-prima são distantes da aldeia. Segundo a dona Maria da Silva, pagar frete para levar os materiais da mata até a aldeia não é costume indígena, mas, devido a distância é a forma mais prática para os artesãos da aldeia. Práticas similares foram descritas por outros autores:

A estratégia usada pelos Kaingang para a colheita de cipós inclui as seguintes atividades: (1) escolha uma área, com base no conhecimento prévio de informações de famílias e parentes; (2) divisão da área em parcelas, com base em pontos de referência; (3) escrutínio de parcelas em busca de cipós; e (4) colheita. As famílias escolhem áreas para



colheita considerando a distância das aldeias, acessibilidade e disponibilidade das espécies desejadas. A divisão em parcelas ajuda-os a lembrar quais áreas foram exploradas ou deixadas para futuras colheitas, impedindo assim que uma única área seja explorada antes de ter sido “descansada” por pelo menos um ano. (GUADAGNIN & GRAVATO, 2013)

Com o manejo tradicional Kaingang, as matérias-primas utilizadas e as demais plantas não serão prejudicadas, pois, esse manejo de uma certa forma segue a dinâmica natural de uma floresta, sem que a natureza pereça com a intervenção humana e possibilita a regeneração do ecossistema. As coletas da matéria-prima são realizadas apenas uma vez por ano em todos os locais de coleta, ou seja, é uma extração de matéria-prima planejada pelos artesãos, pois, assim, a mata não se sentirá explorada muito menos desmatada e o artesão utilizará todas as matérias-primas disponíveis preservando a natureza.

Normalmente, quando o artesão sai à procura de matéria-prima, a família dele o acompanha, inclusive as crianças, não que isso seja uma obrigação para uma criança Kaingang, mas isso é um dos costumes das crianças Kaingang, sempre acompanham seus pais nessas práticas, inclusive nos períodos da comercialização de seus artesanatos.

### 3.1. Vãgvãsa (Taquaraçu)

Segundo Ghiel et al. (2020), o taquaraçu provavelmente corresponde a uma espécie de *Guadua trinii* (Nees) Rupr. Conforme a distribuição geográfica, no Rio Grande do Sul é a espécie mais comum do gênero, só não ocorrendo nos campos de cima da serra e encosta superior do Nordeste (Schmidt & Longhi-Wagner 2008 apud GHIEL et al. 2020).

É uma das matérias-primas bastante utilizado pelos artesãos Kaingang na confecção de suas cestarias, na aldeia Passo do Índio a taquara é o mais utilizado, pois é uma das regiões predominante dessa taquara.

Cada matéria-prima tem uma finalidade em um artesanato para o artesão, dependendo de um artesanato são usados vários tipos de taquara; no caso da taquaraçu, é utilizado no início de um cesto ou um balaio independente de tamanho, até o pré-acabamento, para o acabamento final de uma cesta é utilizado então outro tipo de taquara, que estarei descrevendo no próximo subtítulo.

Como qualquer outra matéria-prima, a taquaraçu também precisa de cuidados e maneira correta na hora da coleta. Segundo a dona Maria da Silva minha mãe, o primeiro passo antes de coletar a matéria-prima, é a verificação do ciclo lunar, ou seja, entre a lua crescente e a cheia, deve-se coletar quaisquer tipos de taquaras.

São alguns dos cuidados que a natureza e a prática exige do artesão na hora da coleta, para que o artesão possa obter material excelente, pois sempre se preocupa em confeccionar artesanatos de qualidade e durabilidade. A taquaraçu não deve ser coletada muito jovem e nem muito velha, se a taquaraçu for muito jovem será muito úmida e não será bem aproveitada, pois na hora de ser destalada será muito fraca e a palha arrebentará facilmente. Quando a taquaraçu for muito velha poderá ter vários danos, algumas partes carunchadas e, isso tornará a taquara dura e quebradiça na hora de ser destalada. As taquaras ideais para serem coletas são aquelas que tem a coloração branca da metade até a ponta da taquara, se for muito nova deve-se esperar brotar as folhas.

O corte de quaisquer tipos de taquaras deve ser feito rente ao chão, imediatamente em cima do primeiro entrenó do colmo, esses cuidados durante o corte dos colmos do *vãgvãsa* (taquaraçu) e outras taquaras são necessários e fundamentais.

Esse cuidado evita o acúmulo de água na parte oca do tronco da taquara quando chove, uma vez que isso acontece pode causar o apodrecimento do tronco e a raiz da taquara, ou seja, a maneira correta de coletar é fundamental para otimização do manejo e, que isso garante a disponibilidade da matéria-prima para o ano seguinte.

### 3.2. Vŷnkanér (taquara bambu)

Segundo Lopes (2020), o nome científico da taquara bambu utilizado para o artesanato Kaingang é o *Bambusa tuldoides* Munro, e corresponde a uma espécie de bambu entouceirante.

Como outra qualquer matéria-prima, também exige alguns cuidados quando for coletado. Antes da coleta deve-se verificar o ciclo lunar, somente na lua crescente e a cheia deve ser coletada, ou seja, na coleta do bambu os cuidados são os mesmos que a do taquaruçu, como a taquaraçu o bambu não deve ser coletado muito jovem e nem velha, quando o bambu for velho fica muito quebradiço na hora de destalar e, se for muito jovem torna quebradiço também. Portanto, é preciso verificar a coloração da taquara, se o bambu ter a coloração branca já indica que está excelente para ser coletado.



Apenas os usos das taquaras na confecção são especificados, normalmente o bambu só é utilizado para o acabamento de um cesto ou balaio. Por exemplo, é utilizado nas alças das cestas e para fazer o arco das peneiras, por ser uma taquara forte e firme.

### 3.3. Vẽnpẽ (taquara mansa)

A taquara mansa provavelmente corresponde a uma espécie de *Merostachys multiramea* Hack, conforme a distribuição geográfica, no Rio Grande do Sul ocorre nos Campos de Cima da Serra, Planalto Médio, Encosta Inferior do Nordeste, Litoral Norte, Depressão Central, Serra do Sudeste e Encosta do Sudeste (Schmidt & Longhi-Wagner 2008 apud GHIEL et al. 2020), ocupando capoeiras e matas semidevastadas (Boldrini et al. 2008 apud GHIEL et al. 2020).

A taquara mansa também é uma matéria-prima utilizada nas confecções dos artesanatos e, é a única matéria-prima próximo a aldeia e, como outros tipos de matérias-primas é necessário que o artesão segue os mesmos cuidados na hora da coleta.

Porém, segundo a dona Marli Crespo, apesar de essa matéria-prima fazer parte das matérias utilizadas por esse povo, é pouco utilizado por duas razões.

Primeiro, normalmente em uma lasca dessa taquara consegue-se tirar apenas duas palhas e, segundo que essa taquara não serve para preparar a alça de um balaio ou uma cesta e, nem serve para fazer o arco de uma peneira, por ser uma taquara bem fina ao contrário de outros tipos de taquara, no entanto, as palhas retiradas desse material são utilizadas apenas para tecer as cestarias.

### 3.4. Kómrũn (cipó guaimbê)

O cipó guaimbê corresponde à uma espécie de *Philodendron*, planta da família das Araceae. Como outras matérias-primas pesquisadas para essa pesquisa, foi compreendido também que, o cipó guaimbê também precisa de cuidados no momento da coleta por exemplo, precisa-se verificar a fase lunar antes da coleta, apenas na lua crescente e cheia deve-se coletar esse material.

Segundo a dona Maria da Silva, para utilizar apenas o miolo do cipó guaimbê deve-se coletar quando este material estiver bem maduro, no entanto, com esse material confecciona-se chapéus, sacolas e leques, mas, se for coletado bem nova aproveita-se

apenas a casca desse cipó, e após a retirada da casca são preparados e recortados em fitas para confeccionar os trançados de pulseiras, anéis, arco e flecha.

A verificação da fase lunar antes de iniciar a coleta de quaisquer tipos de matéria-prima é muito importante para o artesão, caso contrário o artesanato não terá durabilidade, pois, em pouco tempo o material desse artesanato poderá carunchar.

Além dos cuidados com as fases da lua, quem coleta a matéria-prima também precisa ter outro cuidado ao coletar o cipó guaimbê, o cipó não deve ser arrancado com a raiz. Segundo a dona Maria da Silva, ao coletar o cipó guaimbê, o corte deverá ser aproximadamente 10 cm acima dessa estrutura, assim a planta não será prejudicada e terá espaço suficiente para brotar no ano seguinte.

### 3.5. Cipó São João e Cipó Marrom

Nesse item foi necessário escrever sobre dois tipos de matérias-primas ao mesmo tempo por uma razão: apesar dos cipós marrom e São João serem diferentes nos tamanhos e nas cores; seus manejos, coletas e utilidades são iguais; são dois tipos de cipós com características diferentes, mas, para o artesão, suas utilidades é a mesma.

O cipó São João corresponde à uma espécie de *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers. *Pyrostegia venusta*, é uma planta trepadeira, sua floração é de cor laranjada; sua coleta também exige alguns cuidados. Segundo dona Maria da Silva, o corte desse cipó na hora da coleta, deverá ser aproximadamente 10 cm acima da raiz da planta, ou seja, o cuidado e a preservação da raiz desse cipó, garantirá que a raiz produz novas plantas (cipó) para o ano seguinte.

O cipó marronzinho é uma planta correspondente à espécie de *Forsteronia glabrescens* Müll.Arg. (segundo GUADAGNIN & GRAVATO 2013, já que a coleta botânica feita neste trabalho não pôde ser identificada). Enquanto o cipó São João é uma planta trepadeira, o cipó marronzinho é uma planta cujo caule se prende ao solo por um único ponto de fixação e cresce rastejando, sem formar outros pontos de enraizamento, ou seja, o crescimento desse cipó é horizontal na superfície do solo ou levemente enterrado ao solo.

Como outras matérias-primas, o cipó marronzinho também requer alguns cuidados; há vários aspectos-chaves da sustentabilidade da colheita de lianas, uma questão fundamental é o conhecimento dos colhedores sobre ecologia vegetal, neste caso

apenas as partes a cima do solo são removidas durante a colheita (GUADAGNIN & GRAVATO, 2013).

Esses cuidados que essa prática exige do artesão na hora da coleta são fundamentais, são aspectos importantes que fazem partes do manejo sustentável da matéria-prima, quando se trata de elaboração e confecção dos artesanatos Kaingang.

### 3.6. Processo de preparação da matéria-prima

Na preparação da matéria-prima até o artesanato ficar pronto por completo, envolve um grande processo, não que isso seja regras, mas, é necessário passar por esse processo, para que o artesão possa ter um bom resultado nessa prática tão espetacular vejamos na imagem a seguir (Figura 10).



Figura 10 – Preparação da matéria prima. Foto do autor.

Com o material disponível o artesão seleciona as taquaras, separando as curtas, médias e as compridas.

Das taquaras compridas serão tiradas as fitas (palhas) compridas para tecer o cesto ou balaio. As médias serão usadas para tirar as palhas que servirão como os esteios do balaio. Nas taquaras mais curtas serão retiradas as palhas que servirão para trançar a tampa do balaio.

Segundo a dona Marli Crespo, esse processo de preparação da taquara, o artesão também precisa ficar atento na hora de lascar a taquara, independente de tipo de taquara deve-se lascar iniciando sempre na ponta mais fina. Essa forma de lascar a taquara faz com que o artesão possa aproveitar bem o material sem desperdiçar, explica a dona Marli Crespo.

*“Ëg tÿ vÿn kupãn ka ãg tóg, ti junun ty kupãn ge nÿ, javo ãg tÿ ãnge tÿn kÿ ãg tÿ vé vÿn kókén, kÿ ãg pi ser vãfy e hynhan mÿ ser, ãg tÿ vÿn kar kupãn kar kã ãg ta gej ke nÿtÿ”.*

Após essa conversa com a artesã Marli Crespo, perguntei a outra artesã Maria da Silva minha mãe, sobre esse cuidado na hora de lascar a taquara e ela também confirmou sem dúvida.

Um dos processos a ser realizada antes da confecção é o tingimento das taquaras com as tintas. Segundo dona Maria da Silva, quando era criança seus pais utilizavam uma planta chamada *vênhrág* (nome em português ela não soube explicar), a taquara tingida com essa planta ficava de coloração vermelha, outra planta que ela citou foi o *mrÿrtar* (nome em português ela não soube explicar), ela só afirmou que é um tipo de cipó, mas, é utilizado apenas as folhas para o tingimento, o material tingido com esse cipó ficava da coloração laranja. Perguntei a dona Maria da Silva, se ela poderia me mostrar essas plantas que ela citou como tintas naturais, mas, ela respondeu que essas plantas não são mais encontradas.

Com a extinção das plantas que eram utilizadas para colorir os materiais para cestarias, os artesãos Kaingang passaram a utilizar tintas industrializadas. A figura 10 mostra a artesã tingindo as palhas das taquaras com tintas anilinas, esses tipos de tintas são utilizados por vários artesãos, a dona Maria da Silva afirma que com esses produtos industrializados disponíveis pelo mercado, o artesão tem várias opções de cores, “com todas essas cores de tintas as cestas ficam mais bonitas” conclui ela.

Após, as matérias-primas serem preparadas, tingidas e serem prontas, inicia-se então a confecção das cestarias (figura 11).



Figura 11 – Processo de confecção das cestarias. Foto do autor.

## Considerações finais

O tema “manejo sustentável da matéria-prima para artesanato Kaingang” é de suma importância a ser trabalhado na escola indígena com os alunos, uma vez que o professor é “encarregado” a transmitir esses conhecimentos aos alunos, pois, atualmente um professor indígena é visto pelas lideranças e comunidade toda, como uma pessoa ideal na transmissão desses valores culturais tradicionais de nosso povo junto de anciãos e artesãos da aldeia, pois, normalmente é o professor indígena que realiza pesquisas sobre costumes e os conhecimentos tradicionais de seu povo.

Como o artesanato Kaingang traz nos seus trançados grafismos pertencentes as duas metades *kamẽ* e *kajru* (mitologia Kaingang), se faz necessário fazer uma ligação de artesanato com a mitologia; assim serão transmitidos grandes valores em uma única prática, será uma manutenção e preservação da cultura material e imaterial do povo Kaingang, como mostram as figuras 12 a 14.

A mitologia não é trabalhada ou praticada apenas em sala de aula e sim nas famílias também, porque uma criança Kaingang, antes mesmo de estudar em uma sala de aula já aprende com seus pais e avós, os significados das duas metades *kamẽ* e *kajru*, e a qual metade pertence, são valores inseridos na educação indígena e, é um patrimônio muito importante para o povo Kaingang, no entanto, é fundamental na formação do ser humano, logo no início da infância a criança precisa ser educada, para conviver com as pessoas e com o meio ambiente.

Na figura 08 mostra que, a educação que uma criança Kaingang recebe não precisa de materiais didáticos, pois, o material já está dado pela natureza, a criança aprende com aquilo que está vendo, com o que explora, através dos saberes tradicionais, e estes costumes são passados para crianças e jovens, pelos sábios da aldeia, através de uma carinhosa conversa, como eles devem se comportar, respeitando sempre as duas metades, *kamẽ* e *kajru*, que são as duas marcas *rá ror* (redonda) e *rá téj* (comprida).

Atualmente na aldeia Passo do Índio, como em qualquer TI, crianças e adolescentes precisam estar em sala de aula, quando chegam em casa já precisam realizar as lições de casa, pois, conforme o sistema educacional, as realizações dos deveres de casa dos alunos, cumprem um papel fundamental no processo de autoaprendizagem e fazer com que os estudos se tornem mais produtivos.





Figura 12 – confecção de cestarias na escola. Foto do autor.



Figura 13 – coleta da matéria-prima com os alunos. Foto do autor.

No entanto, o sistema educativo está cada vez mais orientado a fazer com que o período escolar invada o tempo das famílias com os filhos, e muitas vezes os filhos passam a infância e adolescência sem ter o conhecimento sobre os valores e costumes tradicionais, ou seja, quase não há espaço para um ancião ou um sábio passar esses costumes tradicionais do nosso povo para a geração atual.

Portanto, será muito importante inserir esse tema no currículo escolar, pois, o resultado da pesquisa sobre o tema, foi uma realização de pesquisa com coletas de depoimentos e entrevistas de sábios, anciãos e artesãos da TI.

O resultado dessa pesquisa sobre o tema “manejo sustentável da matéria-prima para artesanato Kaingang”, ajudará o professor nas elaborações de planos de aulas, também será fundamental para o professor nas orientações sobre essa prática, com esse tema inserido no currículo escolar, o próprio aluno poderá realizar sua pesquisa sobre essa prática até mesmo nas lições de casa e, por outro lado o sábio ou ancião terá a oportunidade e o papel fundamental na transmissão desses valores culturais, e assim, a transmissão desses conhecimentos tradicionais não serão deixados de lado, ou seja, o tema proposto será fundamental na preservação dessa prática, que é um dos costumes tradicionais do meu povo.

O resultado dessa pesquisa nos mostra claramente a importância da preservação dos conhecimentos e costumes tradicionais dos artesãos e sábios da aldeia Passo do Índio. Tive a oportunidade de conversar com grandes artesãos da minha aldeia com os quais tive



um grande aprendizado, para mim foi uma experiência única, atualmente minha aldeia está numa grande luta em busca de seu direito, a garantia de um espaço suficiente para o povo da aldeia Passo do Índio a “retomada de nossa terra”, pois sem um espaço suficiente e adequado o nosso povo terá grandes dificuldades na preservação desses conhecimentos tradicionais, mas, com a união que o povo de Passo do Índio tem, todas as barreiras e dificuldades serão enfrentados com muita garra e coragem e, o sonho de conquistar um espaço maior, então será concretizado.



Figura 14 – Aprendendo os grafismos e os significados na escola. Foto do autor.

Essa pesquisa registra um dos costumes tradicionais do meu povo; a prática de confeccionar artesanatos e o manejo sustentável da matéria-prima, no entanto, é preservado entre outros diversos costumes tradicionais do povo Kaingang na terra indígena Passo do Índio.

Mas, apesar da manutenção e a preservação, essa prática vem sofrendo ameaças. Uma das principais ameaças sofridas é a demora na demarcação de nossa terra tradicional, pois, sem a demarcação esta prática tradicional não estará segura. No entanto, essa prática sem dúvida é um dos patrimônios materiais e imateriais do povo Kaingang, portanto, é necessário um espaço suficiente para o meu povo. É também importante que essa tradição persista e que esses conhecimentos tradicionais sejam garantidos para as próximas gerações.

## Referências bibliográficas

CRESPO, Marli. Entrevista concedida para o TCC. 2019.

FARIA, Marcus V. C. **A vegetação e os impactos do desmatamento**. Disponível em <<http://educacao.globo.com/artigo/vegetacao-e-os-impactos-do-desmatamento.html>> Acesso em 23 janeiro 2020.

GHIEL, Eduardo L.H. (coordenador). **Flora Digital do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**. Disponível em: Acesso em 20 jan 2020.

GUADAGNIN, Demetrio L., & GRAVATO, Isabel C. Ethnobotany, availability, and use of lianas by the Kaingang people in suburban forests in southern Brazil. **Economic Botany** 12, 2013, v. 67(ed.4), pp. 350-362.

ISA. Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/>> Acesso em 23 janeiro 2020

LOPES, Gerson Luiz. **Compêndio Online. Bambusa tuldoides Munro. Bambu, taquara**. Disponível em <<https://sites.unicentro.br/wp/manejoflorestal/bambusa-tuldoides/>> Acesso em 14 fev 2020.

MEMÓRIA E IDENTIDADE DO POVO KAINGANG. Disponível em <<http://riodascobras.com.br/povo-Kaingang>> Acesso em 23 janeiro 2020

OLIVEIRA, Juliana T. & FERNANDES, Marcos R. **O artesanato Kaingang na T.I Xaçepó**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena no Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC, 2015.

PINTO, Adélio. **Minha trajetória**. In: Bueno, Lucas (org.) Terras Indígenas Kaingang. Florianópolis: 2016. p. 37- 49. Disponível em <<https://licenciaturaindigena.paginas.ufsc.br/files/2017/08/Kaingang.1.pdf>> Acesso em 23 janeiro 2020

PINTO, Aldo. Entrevista concedida para o TCC. 2019.

PINTO, Antônio. Entrevista concedida para o TCC. 2019.

PORTAL KAINGANG. Disponível em

<[http://www.portalKaingang.org/index\\_povo\\_1default.htm#](http://www.portalKaingang.org/index_povo_1default.htm#)> Acesso em 23  
janeiro 2020

ROCHA, Telma de J. **Valorização do artesanato da comunidade indígena Kaingang  
Foxá-Lajeado/RS**: um projeto construindo por ações do design. Trabalho de  
Conclusão de Curso (Design). Lajeado: Centro Universitário UNIVATES, 2016.

SILVA, Maria da. Entrevista concedida para o TCC. 2019.